



MUNICIPIO DE BARRANCOS

DIVISÃO DE ACÇÃO SOCIOCULTURAL

Classificação do Dialecto Barranquenho

Património Cultural Imaterial de Interesse Municipal

1 - Caracterização do município de Barrancos

A História

As origens da vila de Barrancos remontam aos finais do século XIII, aldeia pertencente à vila de Noudar, então sede do município.

A região foi conquistada aos Mouros para o reino de D. Afonso Henriques, em 1167, por Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador, sendo devolvida a D. Fernando II de Leão em 1169 e recuperada, nesse mesmo, ano pelos muçulmanos. Esta luta entre cristãos e muçulmanos arrastou-se com avanços e recuos por mais um século.

Sendo novamente Noudar pertença portuguesa, no reinado de D. Sancho II (1223-1248), teria este prometido ao futuro Afonso X o Sábio, a cedência de todas as terras além do Guadiana. Mais tarde, segundo carta de *doação* de 4 de Março de 1283, Afonso X, rei de Castela, entrega Noudar a Dona Beatriz, sua filha, viúva de D. Afonso III rei de Portugal desde 1279, juntamente com as praças de Mourão, Moura e Serpa.

O Foral de Noudar, que segue o modelo do de Évora, foi concedido em 1295 por D. Dinis, filho de Dona Beatriz e D. Afonso III, e confirmado em 1513 por D. Manuel I.

O tratado de Alcanices, assinado em 1297 por D. Dinis e D. Fernando IV, rei de Castela e Leão, fixou os limites da fronteira entre ambos os reinos. Todavia, a região de Noudar continuou uma zona de litígio e de indefinição administrativa, sendo por várias vezes posse do reino de Castela.

Em 1303, D. Dinis faz doação de Noudar ao Frei D. Lourenço Afonso Mestre da Ordem de S. Bento de Avis, como agradecimento pela colaboração que a mesma dera ao rei durante os conflitos com Castela, sendo obrigação desta reconstruir e fortalecer o castelo.

Em 1308 foi criado em Noudar o primeiro couto de homiziados do país, com vista à defesa da fronteira e travar o despovoamento. Existiam na época 79 moradores.

Outros foram os períodos em que a região esteve na posse de Castela. D. Afonso IV envolveu-se em guerra com Castela (1336-1339), facto que levou provavelmente à perda de Noudar. No reinado de D. Fernando (1367-1383), Noudar voltaria a Portugal em 1372, regressando novamente a Castela após a sua morte. Na crise de 1383-1385, Noudar tomou a voz por D. Beatriz, Infanta de Portugal, filha de D. Fernando, casada com D. João I de Castela desde 1383

Com a integração de Portugal na coroa de Castela (período filipino 1580-1640), a aldeia de Barrancos adquire mais importância que a vila de Noudar, ficando assim o castelo desprovido de sentido. A população maioritariamente castelhana estava concentrada em Barrancos, verificando-se na época um crescimento demográfico, devido provavelmente à monarquia dualista. A presença de castelhanos na região é certamente mais antiga. Nos finais do séc. XV as terras fronteiriças de Castela alcançaram um super-povoamento com a consequente diminuição das terras de pastagem o que pode explicar o movimento migratório para Portugal e a pressão sobre as terras quase despovoadas de Barrancos.

Com o envolvimento de Portugal nas Guerras da Sucessão de Espanha, as tropas do Duque de Osuna em 1707, apoderam-se de Noudar conservando-se em poder de Espanha até à assinatura do Tratado de Utreque (1715).

Aquando da ocupação castelhana, Noudar é votado ao abandono e, entre 1774 e 1835, surge pela primeira vez, a designação de município de Noudar e Barrancos. Assim sendo, o município passa a ter a população concentrada na aldeia (Barrancos), situada a mais de

10Km de distância, e o seu corpo militar e administrativo assente no castelo (Noudar).

Entre 1774 e 1835, surge pela primeira vez, a designação de município de Noudar e Barrancos. Com a reforma administrativa promovida pelo governo liberal de Mouzinho da Silveira, em 1836, Barrancos é elevada à categoria de vila, passando o município a ser denominado somente pelo nome de Barrancos.

Finalmente, na sequência de nova reorganização administrativa assinada por João Franco, que extinguiu mais de 500 municípios, é publicado o decreto n.º 26 de 27/06/1896 pelo qual é “suprimido o município de Barrancos, sendo anexado ao de Moura”.

Contudo, a revolta da população local e a constatação da existência de um realidade cultural específica, levou a que esta situação nunca se chegasse a concretizar de facto e, dois anos depois, por lei de 13 de Janeiro de 1898 foi novamente restaurado o município de Barrancos, com sede na Vila de Barrancos.

Património

Relativamente ao património material, destaca-se:

- O Castelo de Noudar, situado a 12 Km de Barrancos, erguido num morro escarpado, a uma altitude de 275 metros, rodeado pelo Ardila e o seu afluente Múrtega. Classificado monumento nacional por decreto de 16 de Junho de 1910;

- O castelo de Cid (vestígios) situado, aproximadamente, a 220 metros de altitude, junto à margem esquerda da ribeira do Ardila, poderá ter constituído um primeiro posto avançado de vigia ou assentamento mineiro.

- As ruínas capela de S. Ginês;

- Os moinhos medievais da ribeira do Múrtega;

- A igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição;

- As paisagens e os sítios naturais, da Pipa, do Cadaval, do Alto de S. Bento, etc;

- O actual Parque de Natureza de Noudar;

- As antigas Minas de Apariz;

- Os montes apalaçados que povoam a propriedades rural;
- A gastronomia e o artesanato;
- As festas e outras tradições, usos e costumes.

A forte influência de uma relação muito íntima com a vizinha Espanha, caracteriza ainda hoje muitos dos seus costumes e tradições, sobretudo o dialecto barranquenho e as corridas com touros de morte legalizadas em 2002, depois de muita controvérsia.

Como consta num documento de 1245, coexistiam na antiga Vila medieval de Noudar dois idiomas: o castelhano, por tradição antiga e o português oficial, recebendo este influência e elementos do castelhano.

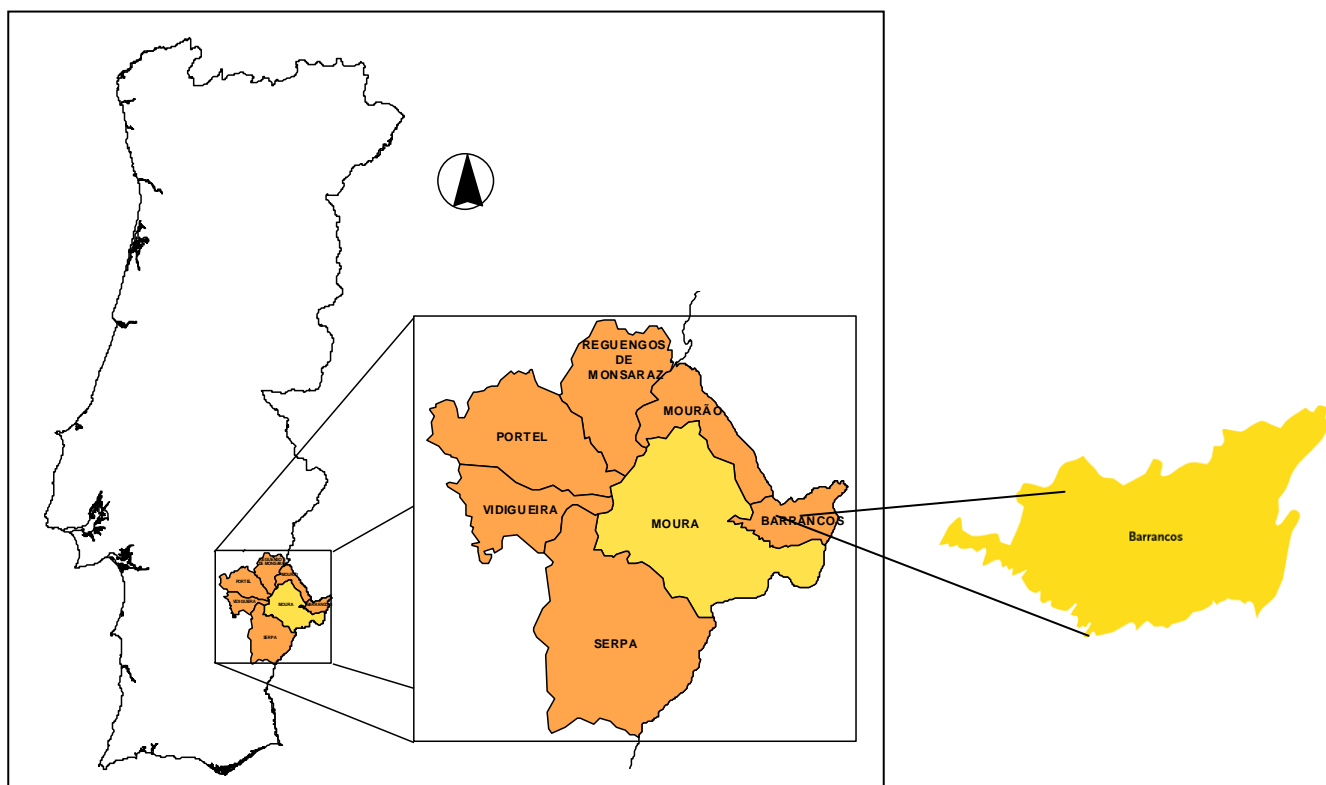
Localização geográfica e administrativa

A vila de Barrancos é a única localidade do município, assumindo-se como freguesia e sede de município em simultâneo. Concentra dentro de si a maior parte da população, uma pequena percentagem habita nos montes vizinhos. Em 2001 apresentava 1924 habitantes, sendo o município com menor população de Portugal Continental (Censos 2001).

O território do município de Barrancos, com apenas uma freguesia (Barrancos), possui uma área de 169 Km², situa-se na raia alentejana, na margem esquerda do rio Guadiana. Encontra-se envolvido a poente pelos municípios portugueses de Moura e Mourão e a nascente pelos municípios espanhóis de Oliva de La Frontera e Valencia del Mombuey (província de Badajoz) e Encinasola (província de Huelva). A sede de Distrito (Beja) encontra-se a 110 Km, assim como a cidade de Évora. A capital, Lisboa, dista 250 Km.

Por razões de ordem histórica, cultural e geográfica a comunidade barranquenha possui uma forte ligação com Espanha. Encinasola (Espanha) dista apenas 9 Km de Barrancos, enquanto que Santo Aleixo da Restauração, freguesia do município de Moura, localidade portuguesa mais próxima, dista 21 Km. Esta ligação reflecte-se a nível do próprio dialecto assim como nas manifestações culturais e etnográficas, sejam elas populares religiosas.

FIGURA 1: ENQUADRAMENTO TERRITORIAL DO MUNICÍPIO DE BARRANCOS



Fonte: Terra, 2006, Agenda 21 Barrancos, 2006

Como paisagem cultural, Barrancos apresenta vestígios humanos desde o Calcolítico Médio/Final. A antiga sede do município, Noudar, é disso um exemplo: “As ocupações sucessivas desta área apresentam uma lógica profundamente ligada às potencialidade naturais da região: a mineração e a pastorícia” (Agenda 21 Barrancos). Desde o alvor do trabalho dos metais até à conquista cristã no século XIII, passando pela construção da cerca amuralhada no século XIV, toda esta região constitui um marco na história local do município reconhecido com a sua classificação, em 1910, como Monumento Nacional.

FOTO 1: CASTELO DE NOUDAR – VISTA AÉREA



Fonte: Naturlink, 2005, Agenda 21 Barrancos, 2006

Salienta-se a existência de alguns monumentos megalíticos, provavelmente relacionados com a cultura do Sudeste espanhol ou de influência almeriense, e de um Castro ou povoamento fortificado na zona, possivelmente pertencente à série de povoados Neolíticos do Baixo Alentejo.

As serras da Contenda, consideradas espaço natural de Barrancos, possuem uma diversidade natural e paisagística única, fruto de uma multiplicidade de habitats: “montados de azinho dispersos, montados de sobro densos, matagais mediterrânicos, áreas pseudo-estepárias, florestas de coníferas e linhas de água de regime torrencial” (PAIS, 2001). Nelas encontram-se ainda explorações de uso múltiplo e de regime fundiário de grande propriedade que constituem importantes refúgios para a vida selvagem, ainda que tenham perdido alguma da sua diversidade característica.

A área florestal resume-se à zona da Serra da Colorada, propriedade municipal gerida pelos serviços florestais.

Do ponto de vista urbanístico e arquitectónico de Barrancos, ressaltam as influências andaluzas, formalizadas numa estrutura urbana com casas térreas e alinhadas, ligadas directamente à rua, com becos e ruas emaranhadas. A Vila Raiana de Barrancos representa-o na perfeição, com casas caiadas de branco e emolduradas de xisto, construídas em ruas sinuosas de acentuados desníveis e escadarias que vão dar à praça, o ponto de encontro de toda a população. É nesta

praça, refira-se, que se faz a fogueira no Natal e se montam os tabuados para as corridas de touros, o expoente máximo da cultura barranquenha.

Identidade cultural

O Barranquenho, dialecto local, que mistura o português e o castelhano, revela a nítida influência Andaluz nas raízes culturais do seu povo, de fortes tradições, alegre e hospitaleiro. A atestar estão os variados acontecimentos que se desenrolam ao longo do ano, que vão desde as montarias, a noite de Natal, até às famosíssimas Festas de Agosto, com os seus divertidos bailes e corridas com touros de morte realizadas na praça. Sendo esta o centro administrativo e principal sítio de convívio do povo Barranquenho.

Touros de Morte

Barrancos é uma vila singular, enclave português na Andaluzia que, no falar, no comer e noutros usos, faz da hibridez cultural propiciada pela situação geográfica o tema central da sua identidade e até nas suas Festas de Agosto. As festas perdem-se no tempo, mas sempre nos últimos dias de Agosto, as Festas de Barrancos, em honra de N.ª Senhora da Conceição comemoram-se invariavelmente, cumprindo, segundo Capucha, o pleno significado de Festa, que se traduz em transgressão, excepção e excesso.

A "festa em estado puro" (Capucha, 1994) inicia-se a 28 de Agosto, dia religioso que inaugura o começo das festividades, integrando-se todos os barranquenhos nas cerimónias, nomeadamente na procissão de veneração da sua padroeira.

Pelas seis da manhã são lançados morteiros. De tarde a banda de música percorre as ruas íngremes, onde homens, mulheres e crianças formarão a procissão em honra de nossa Senhora da Conceição. Que é anunciada por foguetes e encerrada pela banda e pelos homens, cujo molho se distingue das filas ordenadas de mulheres. Depois de visitadas as ruas, a Nossa Senhora regressa à igreja, cumprindo-se o acto de fé, o dever religioso, mítico e sagrado (Segão, 2000).

Após a procissão tudo muda, é na praça central, designada por Praça da Liberdade, que o povo começa a dar largas à excitação, que cresce com o aproximar das festas.

Na noite do primeiro dia das Festas, os tabuados (conjunto de traves e pranchas em madeira que cercam o largo da Igreja para que se possam realizar as corridas e nos quais assentam as bancadas de madeira para a assistência), servem de cenário para os dançarinos espanhóis que dançam “rocieros” e sevillhanas que tocam “boleros” e “pasodobles” e artistas espanhóis que têm grande aceitação (Segão, 2000).

Todos participam nesta alegria colectiva. Já pela madrugada dentro, a festa continua. É hora de ir buscar os touros ao campo aberto.

É o encerro, outro ritual onde os gritos invadem todas as ruas. De manhã, com a excitação despertando o sono, jovens e idosos, mulheres e homens barranquenhos e visitantes dirigem-se à rua íngreme que dá acesso ao largo da igreja e aos “tabuados”. Na manhã de cada dia de festa chega o encerro dos toiros. Logo cedo, toda a população e visitantes acorrem à praça, onde a CMB montou os tabuados. Soam os foguetes e o primeiro toiro ir rompe na “are na” improvisada vindo de uma calçada íngreme que desemboca no largo, por entre as fugas aparentemente desordenadas, os tropeções e os sus tos dos homens e rapazes mais afoitos ou temerários. Mãos hábeis laçam o animal com uma corda e de pois fecham-no no curro, construído debaixo dos tabuados. De pois virá outro toiro. Uma vez encerrado também esse, os mais velhos dirigem-se a uma das sociedades ou uma taberna para beber umas “copitas” com amigos até ao almoço, enquanto os mais novos vão dormir uma pequena sesta. A meio da tarde, os jovens, semi-refeitos com a sesta, e os adultos, já de almoço comido, todos convergem para a praça. Os homens mais novos e os rapazes aguardam no meio do recinto o início da tourada, altura em se colocam na parte interior dos tabuados, em posição que lhes permite subir e furtar-se à investida do toiro. Outros homens, geralmente mais idosos, verão a tourada a partir das “sociedades” ou da parte exterior dos tabuados, por baixo das bancadas, onde também se colocam

algumas mulheres com crianças que não conseguem lugar em cima. (Capucha, 2002).

Salta o primeiro toiro à praça, e é lidado com a arte e o engenho possíveis. Em função do mérito da lide e da estocada com que é morto assim o toureiro será saudado e brindado com apêndices do animal (as ore lhas e o rabo) ou fortemente “abroncado”. De pois vem o segundo toiro, terminando a corrida com o respectivo arraste pelas mulas, por entre a multidão que entretanto invade o recinto. Assim se passa nos dias 29 e 30 de Agosto. No dia 31 há uma diferença: na tourada são lidados um novilho e uma vaca, que deverá ser pegada e, na sequência de uma das pegas, levada ao interior da “sociedade de dos ricos”. Regressa ao recinto rodeada pelos homens que a agarram e cercam até que cai fulminada por “choupa” certa (Capucha, 2002).

Festas do Natal e Carnaval

Poucas vezes se descrevem outras datas festivas do calendário barranquenho. Por exemplo, no Natal, a CMB e alguns jovens transportam para o largo central — a praça da Liberdade, em frente à igreja, onde no Verão se realizam as touradas — a lenha que será acesa numa enorme fogueira na noite da consoada. Depois do jantar em família, as pessoas juntam-se no largo em volta do lume, cantam e, no caso dos jovens, tocam as zambombas pelas ruas da vila. A festa da família, a data preferida para baptizar as crianças, é também a data em que toda a comunidade se reúne no espaço público, mas de um modo mais virado para o interior, sem a “confusão” dos visitantes e, logo, classificada como mais “genuína” (Capucha, 2002).

No Carnaval, os rapazes dizem versos à porta das moças e os jovens, em conjunto, com quadras críticas, acertam contas entre os vizinhos. Nos “quintos” os mancebos despedem-se da comunidade antes de irem “a sortes” para a tropa. Na Pascoela a população vai “a flores” para o campo, no Cadaval, comer, beber, dançar e cantar, namorar e conviver. No dia 8 de Dezembro a comissão de festas feminina — homóloga da masculina, que organiza a festa de Agosto —

organiza outra procissão em honra de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Barrancos.

2 – Identificação do Património Cultural Imaterial

Síntese

O dialecto barranquenho, falado em Barrancos, é uma variedade do português meridional (o alentejano) com fortes traços das variedades meridionais espanholas (andaluzas e estremenas).

A origem desta fala provavelmente esteja relacionada com os assentamentos na Idade Média em torno ao Castelo de Noudar, de súbditos do reino de Castela, em terras hoje portuguesas. A permanência desta fala mista talvez se deva ao contínuo contacto mantido entre a vila de Barrancos e as populações vizinhas espanholas –Encinasola, Fregenal de la Sierra, Higuera la Real e Oliva, entre outras-, no que diz respeito as relações de tipo social, cultural e económico, e ao isolamento que o município tem sofrido ao longo dos séculos.

Na Vila de Barrancos é possível ouvir três sistemas linguísticos diferentes: o português – variedade alentejana; o espanhol – variedade andaluza ou estremena; e o barranquenho propriamente dito. O português é a língua dos ofícios religiosos e dos contactos formais entre pessoas instruídas.

A presença ou ausência dos traços que conformam a fala barranquenha, maioritária na Vila, estão relacionados com o grau de conhecimento do português *standard*. Porém, a fala espanhola é utilizada principalmente entre pessoas da primeira e da segunda geração e também na literatura oral tradicional (canções dos “quintos”).

Designação: Dialecto barranquenho.

Localização administrativa: Freguesia e Município de Barrancos, distrito de Beja, Portugal.

2 - Identificação do proponente

MUNICÍPIO DE BARRANCOS, com sede na Praça do Município, nº 2, em Barrancos.

3 - Caracterização do Bem Cultural Imaterial

O “espanholismo” que se vê reflectido em múltiplas vertentes da cultura de Barrancos, foi consolidado pelo elemento linguístico, o barranquenho, que geracionalmente tem contribuído para resistir a qualquer forma de anular a fusão que sempre se verificou entre os dois países, mas que nunca fez perder a noção de nacionalidade.

O dialecto barranquenho tem despertado ao longo dos tempos o interesse de filólogos e de outros que não o sendo também se debruçaram sobre a dialectologia.

José Leite de Vasconcelos, o fundador da dialectologia científica em Portugal e autor do primeiro Mapa Dialectológico do Continente Português (1893/97), em 1901 na sua tese de doutoramento publicada em Paris fez a primeira referência ao dialecto barranquenho. Mais tarde, em 1938 deslocou-se a Barrancos para conhecer in loco a fala barranquenha, e com as informações aí recolhidas consagrou a sua obra mais conhecida sobre o tema: Filologia Barranquenha, cuja estrutura consta de quatro partes, nomeadamente:

- Divisão primeira - Da Fala de Barrancos;
- Divisão Segunda - O Que o Autor Pode Coordenar de Gramática;
- Divisão Terceira - Exemplificação do barranquenho em Textos Populares;
- Divisão Quarta - Seara Vocabular.

No prefácio J. Leite de Vasconcelos faz referência à carta que enviou ao então Ministro do interior, e na mesma refere que “o barranquenho é um curioso dialecto popular usado no concelho de Barrancos; tem por base o falar do Baixo Alentejo, modificado pelo Estremenho - Andaluz, que lhe deu feição muito notável”, e

acrescentou “o barranquenho é linguagem raiana, paralela de algum modo as que falam em Miranda do Douro e na região de Xalma”(1955:10).

Não de deve encerrar este ponto dedicado ao dialecto barranquenho, sem fazer alusão aos contributos da Prof. Doutora Maria Victoria Navas, da Universidade Complutense de Madrid, sobretudo a década de noventa do séc. XX. Também ela esteve várias vezes em Barrancos recolhendo informação, com o propósito de concluir trabalhos relacionados com o tema. Entre eles destaca-se a comunicação apresentada em 1992 no Encontro de Lisboa, sobre Investigação e Ensino de Línguas, a qual intitulou “*El barranqueño: un modelo de lenguas en contacto*”, que serviu de base ao livro com o mesmo título, já no prelo a editar pelo Município de Barrancos e constitui uma dos fundamentos da presente proposta.

A proximidade geográfica que existe entre Barrancos e as províncias espanholas de Andaluzia e Estremadura, contribuiu notoriamente para a formação do dialecto barranquenho, primeiro com as emigrações favorecidas pelos comendadores da Ordem de Avis que fez com que uma grande parte dos habitantes de Barrancos fossem de origem castelhana.

Assim, e porque os laços entre Barrancos e a vizinha Espanha nunca se quebraram, também o dialecto ficou cada vez mais enraizado, chegando Victoria Navas a dizer que os barranquenhos são “trilingues”, isto é, falam português (Alentejano), o barranquenho e espanhol (mistura de extremeno/andaluz).

Também Norberto Franco, na sua obra faz algumas citações da comunicação de Victoria Navas onde esta conclui que os barranquenhos são trilingues dizendo que “(...)son trilingues, es decir, pueden pasar de un registro a otro sin dificultad, apenas aquellos barranqueños que han cursado estudios medios o superiores, que aunque residen en Barrancos han pasado largos años en el exterior. El comportamiento linguístico de este grupo se podría decir que es el siguiente: hablan, por ejemplo, Portugués en el local de trabajo, barranqueño en familia y con otros barranqueños, y español com los

españoles”, onde ele acrescenta que, nos anos que passou em Barrancos “ (...) teve oportunidade de verificar, que não são só os barranquinhos com formação académica a utilizar as três variedades, se é que é esta a palavra correcta. A não ser que se queira restringir esta característica ao uso de um português ou de um castelhano de bases literárias e eruditas. Se se entender assim, aí já serão obviamente poucos os falantes. Se se entender em termos de linguagem coloquial, aí o número de falantes aumenta substancialmente, letrados ou não (...)” na mesma obra o autor segue Victoria Navas, onde diz que “ Após uma análise gramatical, a autora concluiu: *"El barranqueño puede ser deudor del castellano en sus variedades andaluza y extremeña"* e *" el barranqueño puede ser deudor de los dialectos meridionales portugueses"* (Franco, 2000: 51).

4 – Classificação como Património Cultural Imaterial de Interesse Municipal

De acordo com a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, adoptada na 32ª Sessão da Conferência geral da UNESCO, em Paris, a 17 de Outubro de 2003, ratificada pelo Decreto do PR nº 28/2008, de 26/3, entende-se por “património cultural imaterial”, as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões (...) que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconhecem como fazendo parte integrante do seu património cultural.

Esse património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interacção com a natureza e da sua história, incutindo-lhes um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo desse modo para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana.

O “património cultural imaterial”, tal como definido na Convenção, manifesta-se, entre outros domínios, nas “tradições e expressões orais, incluindo a língua como vector do património cultural”.

O Município de Barrancos reconhecendo a importância do dialecto barranquenho como factor de identidade e especificidade do povo de Barrancos, e principal gerador da diversidade cultural no seio da República Portuguesa;

Considerando que, cabe ao Município, esforçar-se, por todos os meios apropriados para “assegurar o reconhecimento, o respeito e a valorização do património cultural imaterial da comunidade barranquenha, no qual se integra, o dialecto barranquenho.

Pelas razões apontadas, por tudo o que significa e nos faz sentir e seguindo as normas internacionais relativas ao património cultural imaterial, o Município de Barrancos, resolve o seguinte:

1 – Classificar, como Património Cultural Imaterial de Interesse Municipal, o dialecto barranquenho, falado pelo Povo de Barrancos desde tempos imemoriais.

2 – Para assegurar a salvaguarda, o desenvolvimento e a valorização do património cultural imaterial, ora classificado, deve a CMB adoptar uma política geral que vise, entre outros:

- a) Valorizar a função do dialecto barranquenho, enquanto património cultural imaterial na sociedade portuguesa em geral e na comunidade barranquenha em particular, criando e promovendo programas específicos;
- b) Instituir uma Comissão de Estudo e de Valorização do Dialecto Barranquenho, na qual participem especialistas no domínio da filologia e linguística; (????)
- c) Adoptar medidas tendentes à criação de um Centro de Documentação e de Estudo do Dialecto Barranquenho;
- d) Incentivar o ensino e a aprendizagem do Barranquenho junto da comunidade escolar de Barrancos, em especial no ensino básico;
- e) Proporcionar as condições tendentes à classificação do Dialecto Barranquenho como Património Cultural Imaterial da Humanidade, logo depois da sua classificação Nacional.

Com esta postura o Município de Barrancos, demonstra a consciência política e cívica da defesa do seu património cultural, imaterial, manifestação íntima do povo barranquenho e um legado que deve ser preservado e valorizado.

ANEXO

Monografia ““El barranquenho: un modelo de lenguas em contacto”, da Prof. Maria Vitoria Navas Sanchez-Élez, 2008, que aguarda publicação.

BILIOGRAFIA

CINTRA, Lindley; CUNHA, Celso, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 16ª edição, João Sá da Costa, 2000.

Idem; “Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses”, In *Boletim de Filologia, Lisboa*, Centro de Estudos Filológicos, n.º 22, pp 81-116, 1971.

DELGADO, Manuel Joaquim, *A Linguagem Popular do Baixo Alentejo e o Dialecto Barranquenho*, Edição da Assembleia Distrital de Beja, 1983.

FRANCO, Norberto, *O Porquê de Barrancos - A Cultura, A História, Os Touros, O Direito*, Amareleja, Gráfica Eborense, 2000.

SARAMAGO, Jacinto, “ A “DOP – Presunto de Barrancos” como factor de desenvolvimento sócio-económico, (Tese de Licenciatura, sob orientação do Dr. Carlos Alberto Silva), Universidade de Évora, 2000 (Policopiado).

STEFANOVA-GUEORGUIEV, Irena, *Espanhol y Português en la Península Ibérica y en América Latina: Dos situaciones de contacto lingüístico*, 2000, Simon Fraser University, Tese de Mestrado (Policopiado).

VASCONCELOS, J. Leite, *Da Fala de Barrancos*, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, (Separata do Boletim de Filologia VI. pp. 159-177, 1939).

Idem, *Filologia Barranquenha: apontamentos para o seu estudo*, Imprensa Nacional de Lisboa, 1955.

NOTAS

Visto e aprovado, por unanimidade, pela Deliberação nº 12/AM/2008, de 24 de junho, sob proposta da CMB, aprovada pela Deliberação nº 90/CM/2008, de 20 de junho